

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

### A IMAGEM MORAL DO PENSAMENTO

*Vladimir Moreira Lima Ribeiro - Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia/PPGF da UFRJ. Bolsista da CAPES, desenvolve uma pesquisa sobre a filosofia política de Gilles Deleuze e Félix Guattari.*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é destacar a importância do problema da imagem do pensamento na filosofia de Gilles Deleuze. A partir do terceiro capítulo de *Diferença e Repetição*, intitulado “A imagem dogmática do pensamento”, nosso intuito é mostrar em que medida este tema permite a Deleuze elaborar, sob inspiração nietzschiana, a ideia de que a filosofia da representação que ele diagnosticou no livro supracitado é determinada por uma imagem dogmática do pensamento, e, em especial, que o dogmatismo ou ortodoxia desta imagem é uma operação sustentada por um *pathos* Moral que se apresenta como a tentativa de impossibilitar que qualquer modo de vida singular possa emergir através da organização social, política e filosófica baseada em algum modelo, necessariamente transcendente, para a existência. Deste modo, percebemos que existe uma imanência radical entre a filosofia e a política, entre o pensamento e a constituição de modos de vida. Se Deleuze quer pensar a criação de modos de vida singulares, ele se depara com este “inimigo” que é preciso diagnosticar e é neste ponto que a compreensão desta imagem do pensamento se torna relevante.

**Palavras-chave:** Pensamento; dogmatismo; moral.

#### THE MORAL IMAGE OF THOUGHT

**Abstract:** The purpose of this article is to highlight the importance of the problem of the image of thought in the philosophy of Gilles Deleuze. Our aim is to show to what extent this theme allows Deleuze, in the third chapter of *Difference and Repetition*, to draw under a nietzschean inspiration the idea that the philosophy of representation is determined by a dogmatic image of thought. In particular, that dogmatism is an operation supported by a moral pathos. The later is presented as an attempt to make impossible for any unique way of life come into existence. In other words, it restrains specific ways of life to emerge from the social, political and philosophical organization, since this organization is based on a model of transcendence. Thus, we conclude that there is a radical immanence between philosophy and politics, between thought and creation of livelihoods. Whereas Deleuze wants to think about creating unique ways of life, he is faced with this "enemy" who must be diagnosed. Within this point the understanding of the image of thought becomes relevant.

**Keywords:** Thought; dogmatism; moral.

O objetivo deste artigo é destacar a importância do problema da imagem do pensamento na filosofia de Gilles Deleuze. A partir do terceiro capítulo de *Diferença e Repetição*, intitulado “A imagem dogmática do pensamento”, nosso intuito é mostrar em que medida este tema permite a Deleuze elaborar, sob inspiração nietzschiana, a ideia de que a filosofia da representação que ele diagnosticou no livro supracitado é determinada por uma imagem dogmática do pensamento, e, em especial, que o dogmatismo ou ortodoxia desta imagem é, fundamentalmente, uma operação sustentada



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

Polêm!ca, v. 12, n.2 , abril/junho de 2013

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

por um *pathos* Moral que se apresenta como a tentativa de impossibilitar que qualquer modo de vida singular possa emergir através da organização social, política e filosófica baseada em algum modelo, necessariamente transcendente, para a existência. Deste modo, percebemos que existe uma imanência radical entre a filosofia e a política, entre o pensamento e a constituição de modos de vida. Se Deleuze quer pensar a criação de modos de vida singulares, ele se depara com este “inimigo” que é preciso diagnosticar e é neste ponto que a compreensão desta imagem do pensamento se faz necessária.

Deleuze, em *Mil Platôs*, especificamente no platô intitulado “1227 - *Tratado de nomadologia: A máquina de Guerra*”, escrito conjuntamente com Félix Guattari, escreve algumas palavras que fornecem o tom do problema da imagem do pensamento. Como escrevem Deleuze e Guattari, “a noologia, que não se confunde com a ideologia, é precisamente o estudo das imagens do pensamento e de sua historicidade. De certa maneira, poderia dizer-se que isto não tem muita importância, e que a gravidade do pensamento sempre foi risível. Porém, ela só pede isso: que não seja levada a sério, visto que, dessa maneira, seu atrelamento pode tanto melhor pensar por nós, e continuar engendrando novos funcionários; e quanto menos as pessoas levarem a sério o pensamento, tanto mais pensarão conforme o que quer um Estado” (DELEUZE, GUATTARI, 1980, p. 46).

A noologia, ou o problema da imagem do pensamento, denuncia a natureza do pensamento filosófico e as forças que o apoderam, forças que são não filosóficas, tema este que será desenvolvido explicitamente em *O que é a filosofia?* (DELEUZE; GUATTARI, 1991) em torno da noção de plano de imanência.

Em *Diferença e Repetição*, mas não somente, pois este problema foi enfrentado por Deleuze em outros escritos com e sem Félix Guattari, esta questão da imagem do pensamento pensa a ideia do começo em filosofia bem como os critérios de avaliação do sentido, da necessidade do próprio pensamento filosófico e daquilo que ele pensa, enfim, seu exercício, seu uso, sua dimensão concreta. Na imagem dogmática ou ortodoxa do pensamento, todos estes elementos são banhados, contaminados e



LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

completamente submissos ao verdadeiro. Para Deleuze, nesta imagem do pensamento, o pensamento está em afinidade com o verdadeiro, possui formalmente o verdadeiro e quer materialmente o verdadeiro. Pensar é o exercício natural de uma faculdade aliada a uma boa vontade do pensador e garantido por uma “natureza reta do pensamento” (DELEUZE, 1968, p. 192). Ou seja, pensar é um ato voluntário, de um sujeito idêntico a si mesmo que quer o verdadeiro e que, possuindo um bom método e não sendo atrapalhado por forças estranhas (o corpo, as paixões, a fadiga ou o cansaço), pode reencontrar em cada objeto aquilo mesmo que motiva seu pensamento: a reconhecimento de um objeto geral que é reconhecido sempre como o mesmo por todas as faculdades unificadas por um sujeito (pensador, filósofo). Entende-se, assim, porque “o pensamento é suposto como naturalmente reto, porque ele não é uma faculdade como as outras, mas referido a um sujeito, é a unidade de todas as outras faculdades que são apenas seus modos e que ele orienta sob a forma do Mesmo no modelo da reconhecimento. Quer se considere o *Teeteto* de Platão, as *Meditações* de Descartes, a *Crítica da razão pura* de Kant, é ainda este modelo que reina e que ‘orienta’ a análise filosófica do que significa pensar” (IDEM, p. 196).

Se há uma natureza reta do pensamento que conduz o pensador ao pensado, isto é, ao objeto que é sempre o mesmo, o ato de começar a pensar é reduzido a uma boa vontade, a uma decisão consciente e racional do pensador. Este, portanto, desde sempre possui o pensamento e apenas ativa essa capacidade de pensar. Ele possui o pensamento inatamente e adquire a capacidade e a decisão de pensar. O inatismo, a naturalidade do pensamento, sempre está associado àquilo que parece ser seu antagonismo radical: a aquisição relativa e contingencial do pensar após uma determinação relativa e consciente do pensador. Pensar, segundo o registro da imagem dogmática do pensamento, é aplicar uma capacidade natural e naturalmente direcionada para um exercício particular (a reconhecimento dos objetos e dos valores, a busca do verdadeiro) através de um método e a uma decisão que pode ou não vir a acontecer. Contudo, o pensamento, escreve Deleuze, não é “nem inato, nem adquirido, ele é genital” (IDEM,



LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

p. 168). “O pensamento - nas palavras de Artaud citadas por Deleuze – é uma matrona que nem sempre existiu” (IDEM, p. 214).

Todo um gosto pelo reconhecimento trabalha nesta imagem dogmática do pensamento: isto é uma mesa, aquilo é um animal racional... O problema de Deleuze nos parece ser o de levantar a seguinte questão: é neste movimento de reconhecimento-reconhecimento que o pensamento possui sua maior potência? Mesmo a imagem dogmática do pensamento não tem sua força na reconhecimento de simples objetos, a mesa ou um Presidente, mas ela faz desta forma banal e cotidiana de reconhecimento de objetos e dos valores atribuídos a eles, sua operação mais sofisticada elevando a reconhecimento a um modelo. Assim, afirma Deleuze que: “De um lado, é evidente que os atos de reconhecimento existem e ocupam grande parte de nossa vida cotidiana: é uma mesa, é uma maçã, é o pedaço de cera, bom dia Teeteto. Mas quem pode acreditar que o destino do pensamento se joga aí e que pensamos quando reconhecemos? (...) Mas, justamente, o que é preciso criticar nesta imagem do pensamento é ter fundado seu suposto direito na extrapolação de certos fatos, e fatos particularmente insignificantes, a banalidade cotidiana em pessoa, a Reconhecimento, como se o pensamento não devesse procurar seus modelos em aventuras mais estranhas ou mais comprometedoras” (IDEM, p. 197).

Se o pensamento não tem sua potência máxima nos atos de reconhecimento, no clamor pelo verdadeiro, quem, através da história, pôde assegurar todos estes elementos da imagem dogmática do pensamento como elementos de fato e de direito do que significa pensar? Quem age e trama ainda mais profundamente nesta imagem do pensamento? Ora, a imagem dogmática do pensamento é também uma imagem moral do pensamento. “Só a moral é capaz de nos persuadir de que o pensamento tem uma boa natureza, o pensador uma boa vontade, e só o Bem pode fundar a suposta afinidade do pensamento com o verdadeiro. Com efeito, quem, senão a Moral e este Bem que dá o pensamento ao verdadeiro e o verdadeiro ao pensamento...?” (IDEM, p. 193). Quem quer a verdade senão aquele que quer representar? Quem é aquele que quer representar



LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

senão o moralista? E por fim, o que é a Moral senão a determinação de um modelo – necessariamente transcendente – que avalia e julga a experiência e a vida empobrecendo-as quando pretende impedir todo processo criador, autoinventivo e experimentador da existência? Mais precisamente: o que é a Moral senão uma maneira de controle e condenação daqueles que fogem ao modelo, escapam ao controle e traçam outras linhas de vida?

É preciso perceber, assim, por que não se trata de uma questão abstrata e sim de um problema imediatamente político. O pensamento é um assunto sério e a noologia, o estudo das imagens do pensamento, se faz necessária. Cada época engendra diferentemente sua moral, mas a Moral enquanto forma e motivação do pensamento permanece a mesma. A vontade de verdade não é um simples *affaire* de filósofos inofensivos, mas tece uma rede retroalimentar com diversos procedimentos no âmbito social, político e cultural de um povo. O que significa os poetas sendo expulsos da cidade, as bruxas sendo queimadas nas fogueiras, os loucos confinados em manicômios, índios sendo exterminados, os pobres e negros sendo assassinados nas favelas, florestas e mares sendo destruídos, as mulheres subjugadas, animais confinados e destroçados em abatedouros, homossexuais, travestis e transexuais assassinados nas ruas e etc., senão a eliminação daqueles que vivem e fazem valer uma potência que na sua constituição mesma apresenta traços que ameaçam um determinado modelo ou padrão de existência?

O modelo precisa se defender, a Moral, a Verdade e a Representação são suas guardiãs. Juntas, elas não fazem só uma imagem dogmática e ortodoxa do pensamento, fazem também, e ao mesmo tempo, uma política. Trata-se de um modo de existência: pensar e viver conforme ao modelo.

É neste ponto que a constituição de um pensamento sem imagem, da afirmação do novo, através da criação conceitual, pode afirmar a singularidade de uma poesia, de uma bruxaria, de uma loucura e etc., pois, neste movimento, o pensamento é capaz de reafirmar sua própria criação, os conceitos, que também são singularidades e existem independentemente de um modelo, para além de um modelo e voltados contra o



LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

modelo. O pensamento recolhe, assim, a parte acontecimental destes elementos inaugurando uma “nova política que subverteria a imagem do pensamento” (IDEM, p. 200), pois um pensamento que afirma a singularidade só pode ser habitado por singularidades: “É que não pensamos sem nos tornarmos outra coisa, algo que não pensa, um bicho, um vegetal, uma molécula, uma partícula, que retornam sobre o pensamento e o relançam” (DELEUZE; GUATTARI, 1991, p. 57). Existe aí uma espécie de empréstimo de potências, um agenciamento em que as singularidades filosóficas e políticas que se afirmam enquanto singularidades tornam-se indiscerníveis. Fornecem forças umas para as outras tendo em vista os combates em dimensões diferentes: “pensar é sempre seguir a linha de fuga do vôo da bruxa” (IDEM, p. 57), é ingressar em uma aventura sem modelo, perigosa, com todos os riscos de desmoronamentos possíveis, demandando um intenso trabalho de criação contínua, que é inteiramente filosófico-político.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

Polêm!ca, v. 12, n.2 , abril/junho de 2013

LABORE  
Laboratório de Estudos Contemporâneos  
POLÊMICA  
Revista Eletrônica

---

**Referências Bibliográficas**

DELEUZE, G. (1968) **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006.

DELEUZE, G. GUATTARI. F. (1980) **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Volume 5**. São Paulo, Ed. 34, 2008.

\_\_\_\_\_. (1991) **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

**Recebido em:** 24/09/2013

**Aceito em:** 24/03/2014



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[laboreuerj@yahoo.com.br](mailto:laboreuerj@yahoo.com.br)

[www.polemica.uerj.br](http://www.polemica.uerj.br)

Polêm!ca, v. 12, n.2 , abril/junho de 2013